



SETÚBAL

Ai de nós se escondermos as lágrimas do Pobre! O seu eloquente clamor abalá os fundamentos sociais e grita por Justiça.

Toda a pregação de Jesus e toda a Revelação tem aqui a sua pedra de toque.

A história humana ilumina-nos esplendorosamente, embora os sábios e os poderosos permaneçam cegos diante da Luz.

Uma pobre viúva, com um filho de 15 anos, deficiente mental em grau elevado, foi posta na rua pelo Tribunal do Seixal, do andar que havia alugado a um senhor rico. A infeliz acolheu-se num improvisado abrigo, levantado por crianças da escola.

Com o tempo chuvoso, a situação tornou-se escandalosa e, numa sexta-feira, perto das 21 horas, uma secretária do vereador da Câmara, uma assistente social, uma vicentina, a desgraçada e um filho, bateram às nossas portas, implorando solução.

No seu quimérico pensar, a mulher poderia ser nossa empregada... e... o filho «internado» — termo que nos repugna — como os outros!... Uma resposta de Albergue!..., denunciadora da mentalidade social reinante nas camadas populacionais melhor instaladas e menos atentas.

Na minha ausência, foi Padre Cristóvão quem recebeu a comitiva e me relatou o acontecimento.

Dado o adiantado da hora nocturna, indagou o P.e Cristóvão se não haveria naquela região alguém com um quarto disponível para abrigar a pobre e o seu filho. Nem o sr. Presidente, nem o sr. Vereador, nem a sr. Secretária, nem a sr. Assistente, nem a sr. Vicentina?... Ninguém?... Bateu à porta da Casa do Gaicato com centena e meia de rapazes, como se fôssemos um Albergue sem rei nem roque!... Como se pudéssemos dar trabalho e acolher no nosso seio, definitivamente, quem quer que fosse!...

Por imperativo de consciência, o meu irmão padre com-

prometeu-se, durante três dias, com estes pobres.

O deficiente frequenta, em Miratejo, uma escola para o seu nível intelectual. Para ambos é importante o lugar onde habitam.

Passados dias, a pedido da desprotegida, fui ver — só vendo — o relato não chega — a gente nem acredita.

Perto do 3.º andar, de onde fora escorraçada, estava o abrigo. Num terreno camarário, frente a lindas, amplas e majestosas vivendas e ladeado de prédios de três e quatro andares, está o tuguriozinho. S6. Proclamando frieza. Arrepiando-nos do alheamento a que é votado. Para entrar, temos de nos dobrar pela cintura. Dentro, dois catres, dois gatos e um cão pequeno:

—São os meus companheiros — explica a desamparada.

Como é possível? Como foi possível que um tribunal desse sentença tão infiqua? — Obedecendo aos códigos bem manejaos por gente fria, habilidosa e... endinheirada. Como foi possível que o defensor

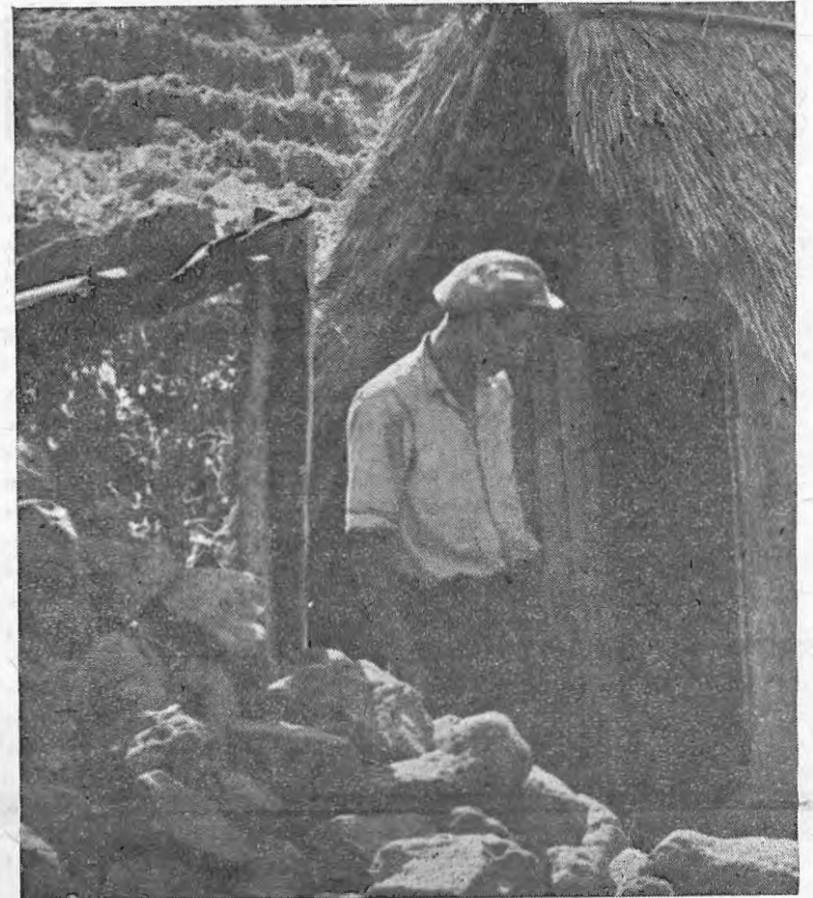
oficioso não tivesse visto a tragédia humana daquela viúva e encaminhasse a demanda para uma reconciliação facultada e paga pela assistência pública? Como é possível que, há uma dúzia de anos, o dono do prédio tenha fechado, sem usufruição de ninguém, o 1.º andar direito do mesmo edifício e se sinta no direito de fazer o mesmo ao 3.º esquerdo, onde moraram estes meus irmãos? Não conhece o pensamento das últimas encíclicas papais, repetindo o que Padre Américo disse e escreveu há quarenta anos: «Toda a propriedade privada tem um grande débito social».

Como é possível que o mundo humano envolvente seja tão alheio a tragédias como esta?

Contemplando o quadro, somos invadidos por um misto de dor, de vergonha e de medo.

Tentei falar com o Presidente e o Vereador da Câmara, em vão, por não ser dia de atender o público, nem haver marcado audiência, mas notei

Cont. na 3.ª página



Quanto mais repelente for o estado e condição dos visitados, mais o vicentino se enamora deles.

AQUI LISBOA!

«Bendita a actividade dos vicentinos que descobrem e suavizam as dores do Próximo; bendito todo aquele que é para

o seu Próximo um esteio.» (Pai Américo)

Acaba de decorrer, em Fátima, de 28 a 30 de Outubro, o I Encontro Nacional Vicentino, para o qual o Conselho Nacional da Sociedade teve a generosidade de nos convidar. Vicentinos responsáveis de todo o País estiveram presentes, procurando fazer o ponto da situação e, à luz do Evangelho, na esteira de Ozanam e de S. Vicente de Paulo, ajustar as actividades vicentinas às necessidades actuais, respondendo com a eficiência possível aos problemas da época em que vivemos, corrigindo desvios sempre possíveis e procurando imprimir uma dinâmica de rejuvenescimento e de formação permanentes às acções vicentinas, em solidariedade activa com todos os outros Movimentos da Igreja.

Vivemos horas de grande emoção pessoal e colectiva. O escrevinhador destas notas, como vicentino empenhado que foi, teve ocasião de recordar pessoas e acontecimentos que o marcaram para sempre e contribuíram, em larga medida,

Padre Telmo

Cont. na 4.ª página

Calvário

No fim da Missa dominical, levamos a comunhão aos doentes que estão nos carrinhos ou acamados. Hoje foi Manuel à frente, atravessámos o largo da Aldeia com o Senhor. Estava repleto de romeiros a caminho do S. Simão.

Santíssimo Sacramento!... Ninguém esboçou, ao menos, um sinal da Sua presença.

Como desconhecido na cidade!

Fizeram-nos parar:

— Temos dinheiro e roupas...

— Levamos o Senhor aos doentes, esperem um momento. Bem expresso — um sinal de impaciência...

Pensei: — Santos populares!

Esses, sim, com barracas, carrocéis, velinhas e promessas.

Comunhão aos doentes?! Aos doentes dá-se a esmola e a roupinha que já não queremos — e rápido pois temos que ir ao «santo».

E o Senhor passou por entre os romeiros, silencioso e «lento para a ira».

Também, Senhor, deixa que Te diga e não Te zangues: Já é tempo de varreres os «vendilhões» das romarias e acabares com os arraiais de pecado e estrondo — bem colados às paredes das capelas de Tua Mãe e dos Teus Santos.

Festas pagãs de tantos cristãos que desconhecem o Se-

nhor e navegam perdidos no mar das velas e promessas. Também, e mais perdidos ainda, em visitas e promessas a «santos» que o povo canonizou e meteu em redomas de vidro.

— Tens as mãos vazias...

— Porquê, Senhor?!

— Tu não Me reconheceste nos irmãos mais pobres, mais estropiados, mais repelentes...

— Não sabia que eras Tu!

Culpas? Todos nós — Igreja.

...Esperemos que o Senhor nos dê o Seu perdão no nosso momento final. Mas, notemos, chegou para cada um de nós a hora de acordar.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

MÃOS À OBRA! — Se o tempo ajudar, o pedreiro vai erguer paredes, assentar a laje e telhar a moradia — que servirá gerações de Pobres — cuja primeira fase orçará em 170 contos.

Fomos, por aí acima, com o mestre d'obras. A caminho, topamos outros santuários, com famílias alojadas, construídos por Pai Américo; moradias que são reminiscências da *civilização do granito*: rusticadas. Com lareira, trasfogueiro, pequenino quintal, horta, jardim, flores, capoeiras. Vida!

Em silêncio, invocámos também o Pobre que, na década de 50, despolto o *testamento* que Pai Américo trazia no peito, há muito, debulhado pelos antros miseráveis de Coimbra, do Barredo (Porto), dos *barredos* de Portugal. Esse velho homem *vivia* num barraco esburacado e poderia ser um *revoltado*..., porque marginalizado pelos seus, mais seus. Tinha, porém, um suporte que o levou ao Céu: a Fé. Viva, comunicativa... Recordemos esse humilde agricultor, *fosforozinho* que motivou Pai Américo a lançar Fogo em prol da Habitação dos Indigentes e deu origem a mais de 3000, erguidas em todo o mundo português.

A propósito: Ontem, noite dentro, a convite duma comunidade cristã do concelho, pároco à frente, juntámo-nos para se avivar, nessa freguesia, a chama do Património dos Pobres — casas para os sem casa. Hora cheia! Abençoados os Pobres que têm quem os defenda! Abençoada paróquia que faz suas as carências dos seus filhos! Não são obras para dar na vista ou para *glória* dos homens. Primeiro, hão que frutificar no silêncio do coração... motor da Vida. São o Mandamento Novo!

No caso vertente, o pedreiro também não fará *negócio*. Mas, para nosso governo (como fazem as donas de casa?), revela-nos, *sobre o joelho*, o custo da primeira fase dos trabalhos: 170 contos. *Vamos até à telhada e Deus bota a mão à resto q'ê muito mais...* Profere esta oração com alegria, enquanto nós outros permanecemos embebidos no vasto panorama do Vale do Sousa que ali se divisa: campos viçosos, recortados de vinhedos; terras cujas tradições entroncam nos alvôres da nacionalidade, missionadas pelos filhos de S. Bento, ao longo de séculos. *Ora et labora!*

PARTILHA — *«Pequena migalha»* do assinante 29173, de Vila Nova de Foz Côa: 2.000\$. *«Um sacerdote de Braga»*, que aparece de vez em quando, com muita discrição, uma nota de cinco contos. Coimbra: cheque, de Alice, *«para alguma urgência da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»*. Outro, de um médico — anónimo. Mais outro, do assinante 49562, *«para onde achardes melhor. Solicito o anonimato. Não agradeçam. E rogo ao Senhor as maiores graças para quantos trabalham e quantos beneficiam da vossa cruzada»*. Quem bem! Assinante 675: vale de correio de

3.500\$. Três mil, da assinante 26152, do Porto, *«para um caso mais urgente»*: a reconstrução da moradia para Pobres, grande encargo material! Mais dez contos, do assinante 31490, de Paço de Sousa, à beirinha da casa em obras!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

DOENTES DO CALVÁRIO — Estiveram connosco, em dois grupos. Para cada um, quinze dias de férias.

No princípio, era visível o seu «medo»..., pois não estavam habituados ao novo ambiente. Mas, depois, acostumaram-se.

Todos, à sua maneira, reconheceram que convergimos numa família. E nunca mais se viu naqueles rostos sinais de sofrimento, porque alguém conseguiu ser, para eles, uma brasa que os consolava: os jovens convivas do distrito de Setúbal. Deram uma lição de serviço aos Outros! Testemunharam que a Liberdade está na nossa entrega; a segurança, na mão de Deus; e o presente, no *sim* de cada hora. Enfim, a realização pessoal, no amor aos Outros; o futuro, na nossa resposta.

Para estes jovens — que mostraram o verdadeiro significado de servir — muito obrigado.

FUTEBOL — Esteve parado desde o torneio «Inter-Casas», já que a nossa participação não foi muito famosa. Por isso, alguns elementos abandonaram a equipa, desmotivados. Parou como um vulcão, extinto, em que apenas se pode comprovar a sua existência através dos indícios... Mas ficou a esperança de um dia recomermos.

Voltámos a organizar a equipa! Os responsáveis estão com muita força e a trabalhar para chegarmos ao nosso melhor.

O futebol é benéfico. Para além do espectáculo desportivo, pode cimentar amizades.

Aqui fica um convite às equipas que desejam conviver, jogando futebol. Portanto, os grupos desportivos interessados podem contactar connosco pelos telefones: 23054 ou 22745, de Setúbal.

«Andorinha»

Paço de Sousa

FUTEBOL — Após um longo interregno, os nossos conjuntos principiaram a treinar. A equipa B (idades compreendidas entre os 10 e 14 anos) mais a equipa A (dos 14 aos 20) estão em condições de defrontar grupos que queiram jogar connosco. Por isso, façam o favor de contactar o *Grupo Desportivo da Casa do Gaiato* — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

VISITANTES — Muitas pessoas visitam a nossa Aldeia! As camionetas das excursões estacionam ao largo

fronteiro ao nosso portão. Recentemente, foi uma *romaria* com a presença de povo que seguia para as festas do S. Simão. Recebemos toda a gente com alegria. *Nós somos a Porta Aberta!*

«AUTOMOBILISTAS» — A «febre» dos «carros» de rolamentos permanece na ordem do dia. Mas, por via de quem nos visita, em dias de tráfego intenso, foram canceladas as «viagens» dos «bólios», aos domingos, para se evitar qualquer desastre.

Durante a semana, após as refeições, toda a gente corre para os «veículos» com entusiasmo, descendo a avenida e as rampas da nossa Aldeia. É um dos factos mais típicos da comunidade!

Por fim, não podemos deixar de assinalar que as «fábricas» estão sempre a produzir ou a reparar «bólios» a «gasobroa». É verdade, não fazem poluição nem gastam produtos derivados do petróleo: gasolina, óleos, etc.

Lourenço

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA — «É difícil a um qualquer leitor ajuizar e determinar-se por aquilo de que mais gosta quando lê este jornal, se o faz de boa fé. É muito difícil. Eu tenho para mim que as crónicas dos vicentinos são o ramo da leitura. A actividade dos nossos visitantes de Pobres conquista e faz estremecer cada um dos nossos leitores, e tudo isto por uma razão imponderável: é que nunca esta sorte de actividade lhes foi jamais imposta ou sequer lembrada. São eles que espontaneamente e amorosamente se dedicam a ela.» (Pai Américo)

Nós também estremecemos: é o receio de não podermos cumprir o nosso dever.

São muitas as aflições e angústias dos nossos Irmãos mais necessitados que chegam até nós.

Mais um caso vos trazemos:

Mãe com cinco filhos que reside na rua da Bandeirinha, mulher ainda nova. O marido abandonou o lar, pouco depois das gémeas terem nascido; o álcool e a droga eram reis e senhores daquela casa. Os filhos tudo vêem; ou estão calados ou levam pela medida grande! Um quarto com cerca de vinte e quatro metros quadrados, é a casa deles; nele comem e dormem. Tem duas janelas mas, por vergonha, estão sempre fechadas. Os pais dormem junto dos filhos; um sofá é a cama dos dois rapazes e da menina; as gémeas dormem numa caminha junto à dos pais. O mais velho dos filhos vai fazer 15 anos.

A Teresa suporta tudo em silêncio. O seu refúgio é o álcool. Vê nele o amigo para o seu desespero. Nada pede, apesar de nós por lá andarmos. Se não fosse a perspicácia da Adelaide ao interpellar aquela mãe, talvez hoje não fôssemos conhecedores daquela miséria. A vicentina chorou e fez-nos chorar, ao dar conta da sua visita. Não tem tido descanso. Ainda há dias, vai ao encontro das gémeas que estavam internadas no hospital

Maria Pia por falta de alimentação. Com um ano de vida mais parecem ter três meses. A altura era boa e fomos falar à mãe para fazer a desintoxicação, mas a Providência foi mais lesta do que nós: quando lá chegámos já estava internada.

Mãe e filhos estão, de novo, juntos. Esperam a ajuda de todos nós. É dinheiro para atenuar as carências alimentares, é dinheiro para podermos dividir o quarto, para que os filhos e mãe se sintam mais aconchegados. Nós, sozinhos, pouco mais podemos fazer, mas com a vossa ajuda podemos fazer muito mais. Lembro aquele advogado de Vila N. Gaia que se prontificou a pagar o leite e o pão para uma família da rua da Bandeirinha. As gémeas esperam que vós imiteis aquele advogado.

Com a presença do Inverno, chegam as carências com a roupa de cama. Precisamos de cobertores e lençóis, de preferência usados. Os nossos pais não se têm poupado na ajuda que nos dão. Ainda não conseguimos arranjar a casa para aquela família de Miragaia. As dificuldades são muitas. As migalhinhas que nos enviaram estão guardadas e serão utilizadas na devida altura.

ELEIÇÕES — No passado dia 29 de Novembro tivemos eleições na nossa Conferência. Já há quatro anos que não se faziam. Como presidente ficou o Francisco Félix; tesoureiro, o Alexandre; secretário, José Alves.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónimo, 1.000\$; mais 1.000\$, doutro. Da assinante 19177, 1.000\$. 10.000\$ de dois anónimos. «Ofereço esta pequena ajuda para a família de Miragaia, para que Deus vos ajude com a Sua infinita misericórdia» — assinante 4389. Anónimo, de Gondomar, 5.000\$. Mil escudos da assinante 3359: «Esta é a minha segunda contribuição. Oxalá Deus me ajude a continuar a auxiliar na resolução dos problemas dessa família. Que Deus abençoe o vosso apostolado». Cinco mil, de M. Bernardette. «Com carinho e simpatia. Deus vos ajude»: 1.000\$ de anónima. Duas vezes 2.500\$, para a casa de Miragaia.

«Pel'O GAIATO tenho seguido a vossa acção vicentina e louvo ao Senhor pela ajuda que dais aos Irmãos desfavorecidos. Junto 5.000\$ para a vossa Conferência.» Assinante 29911: «Rogo a Deus que me dê sempre a mesma vontade de assim poder ajudar os que precisam». 5.000\$ para a casa de Miragaia. Assinante 3119, 1.500\$. Anónimo, 1.000\$. Assinante 40436, com 1.700\$.

Cem mil escudos para a casa de Miragaia: «Gostava um dia de vos acompanhar numa visita a casa de um Irmão pobre, mas não sei se terei preparação para tanto... Quando recebo o jornal, vou logo ver se há notícias da Conferência do Lar do Porto, mas pecam muito por omissão; escrevem pouco e eu penso que era bom escreverem mais vezes porque assim nós não esqueçemos. J. R. D.»

Quando tiver oportunidade, telefonem-nos. Não tenha medo de não estar preparado. Lembrem-se de que é um Irmão que precisa de ajuda, compreensão e que o respeitem.

De facto, pecamos muito por falta

de notícias no jornal, mas o medo de vos cansar leva-nos ao silêncio. De qualquer modo merecemos o puxão de orelhas. Vamos fazer os possíveis para estarmos mais vezes presentes. Obrigado.

José Alves

Tojal

CATEQUESE — Já começámos a Catequese! As terças-feiras os catequistas levam a todos a Mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

NOVOS — O Joaquim Pão, de 7 anos, chegou até nós por intermédio de uma religiosa que trabalha com os Pobres, na zona de Cascais: «Venho mais uma vez recorrer à sua generosidade. A barraca! A volta desta barraca é tudo o que há de lixo... Aqui iniciam um caminho perigoso e terrível».

O Joaquim faz muitas perguntas. Olha para as coisas com muita curiosidade.

— Gosto muito dos vitelinhos!

Quando toca a sineta, às nove horas, corre e brinca com os outros meninos, a caminho da escola. Nos recreios, brinca às escondidas e joga à macaca e, às vezes, ao berlinde. Já quer ajudar os colegas nas diversas ocupações...

Estamos a caminho de curar as «feridas» deixadas pela barraca? Esse é o objectivo da Obra da Rua. Pedimos a Deus que nos dê forças para que esteja sempre preparada para ouvir os apelos dos que, cá fora, — e são tantos — vivem em condições iguais às do Joaquim.

CAPELA — Transcrevemos dos nossos leitores algumas considerações sobre a construção da Capela:

«Com o desejo muito sincero que a «posse plena» chegue bem depressa, não dentro dos limites humanos, porque isto é impossível, mas com o empurrãozinho que certamente o Pai Américo não deixará de dar — «ele que tanto esperou com violência».

«A Obra da Rua tem para nós um significado humano e espiritual tão profundo que os nossos corações nunca a esqueçem».

«É para mim muito consolador oferecer uma telha ou um tijolo para a Casa do Senhor.»

«O aumento que tive, no meu ordenado, tenho muito gosto de enviá-lo para a construção da Capela.»

«Sou assinante de O GAIATO há mais de 40 anos e vou partilhando da vossa vida e de todo o bem que fazem. É para a vossa Capela, em acção de Graças.»

«Não quero que o meu nome apareça no jornal. Que o Senhor os ajude a saber ajudar aqueles que precisam.»

Muitos são os amigos que de muitos lados nos têm acompanhado na construção da Capela, dedicada à Imaculada Conceição.



«OS TRÊS MOSQUETEIROS»

Mais uma vez venho servir-me das páginas de O GAIATO para transmitir as minhas impressões da visita que fiz ao Calvário, em Beire, destinado a recolher doentes incuráveis e sem família.

Como foi apenas uma visita e não uma estadia como em Paçô de Sousa, não vi a quinta com as suas produções e explorações, mas vi as estruturas funcionais da Obra: os edifícios com as suas salas, quartos, cozinha, refeitório e outros apoios.

Pude ver aquela Capela construída de pedra da região, tão bela na sua simplicidade e austeridade e à qual ficará ligada a memória do triste acidente que veio a vitimar o nosso Pai Américo, pois que a sua inauguração tinha ocorrido nas vésperas.

Inesquecível, também pela beleza que oferece aos olhos de quem transpõe o portão de entrada, é a pequenina Capela que resultou da adaptação do espigueiro, típico dos hábitos e costumes das gentes do Douro e Minho. A pedra é a mesma — o granito escuro. O pequeno volume do templo assenta sobre apoios de pedra, fazendo-se o acesso por uma escadaria igualmente de pedra. As fendas características do antigo espigueiro foram mantidas e, aliadas ao desenho geométricamente simples das formas construídas, dão-lhe uma leveza cuja intensidade no interior é um convite à oração e à meditação.

Aproximava-se a hora do almoço, naquele dia do último Agosto, e embora já tivesse encontrado alguns dos seus habitantes quando me deslocava e visitava cada uma das casas que formam o conjunto habitacional do Calvário, foi

reservada para o fim aquela onde estão recolhidos alguns mais doentes e outros com incapacidade de maior grau.

Destes, foi-me apresentado um grupo de três — «Os Três Mosqueteiros» — assim designados na gíria de protecção e amor que a Obra lhes proporciona.

Não posso dizer que fiquei indiferente à apresentação daqueles três Amigos, pois mesmo à simples vista apercebi-me de que as suas limitações físicas e mentais são em elevado grau, pelo que não pude evitar o choque da inesperada visão que se me oferecia. Tentei reagir e, após alguns momentos de expectativa, já fui capaz de dar o almoço a um deles, introduzindo o alimento na sua boca.

Gostaria de sugerir, a quem estiver interessado em conhecer «Os Três Mosqueteiros», que visite Beire e aproveite a experiência de, pela mesma forma, dar o almoço a um deles.

À vista da sua condição, ocorre-me lamentar o mundo

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Recentemente, informámos estar para breve a legalização da nossa Cooperativa de Habitação. Hoje, dirigimos um apelo aos nossos leitores — quadros e gerentes de empresas — para que nos ofereçam utensílios indispensáveis à parte administrativa: uma máquina de escrever, uma calculadora, uma secretária, uma estante e outro material de escritório (furador, agrafador, numerador, etc.). Não dispomos de fundos para este investimento... Poderão contactar a nossa sede: Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682, 4000 Porto, telefone (02) 570300, sublinhando que a oferta se destina à Cooperativa.

Oportunamente, apelaremos para outros tipos de ajuda, já que uma parte dos antigos gaiatos — pretendentes a habitação própria — não dispõem de capacidade financeira para fazer face aos encargos mensais das futuras moradias. Não falando, já, da indispensável colaboração das entidades oficiais ligadas ao problema da Habitação.

Carlos Gonçalves

de pobreza, de atraso, de degradação e desagregação de certos grupos sociais. Não sei se entre as situações deploráveis destes grupos e os tristes casos visitados existe alguma relação que tenha a ver com carências, desamor e abandono, mas é facto evidente não ser possível imaginar o que seria deles, com a sua vida vegetativa, sem a telha, o prato

e a mão amiga que a Obra inspirada e realizada pelo Pai Américo lhes proporciona, assim como a todos os outros elementos daquela comunidade.

Quer pela Igreja quer por outras Organizações internacionais, são feitos apelos aos homens, governos e nações para que os frutos do trabalho e da terra sejam repartidos com o justo equilíbrio do sentido

Esta coluna mostra a ligação que há entre os membros de fora e os de dentro. Por isso tem um sabor à família. Os acontecimentos mais pequeninos e os de mais significado são partilhados com simplicidade e a intimidade de quem não tem segredos para os amigos. Aqui está uma face do grande valor que sempre se esconde no «Do que nós necessitamos».

«As completar 25 anos de casado, quero juntar à pequena e singela cerimónia das bodas de prata, que tenciono realizar no próximo dia 5 de Novembro, esta pequena oferta para aplicar onde mais necessária seja, como agradecimento ao Pai Celeste por quanto nos tem ajudado, a mim e à minha esposa, pela vida fora, tanto no Amor, na Paz e entendimento familiar, como na prosperidade e facilidade com que, apesar de muito trabalho e força de vontade, temos criado os 7 filhos que Deus entendeu por bem dar-nos sem as chamadas grandes dificuldades». Que riqueza escondida no campo fecundo deste lar! É luz para colocar no candelabro. O Fernando Mário, sem palavras, manda o envelope com o cheque de dez mil. Outro, de cem, passado sobre a secretária onde Pai Américo ia levantando esta coluna, com promessa doutra visita, agora com os filhos. Mais uma carta engraçada,

Do que nós necessitamos

onde se mistura a simplicidade com a generosidade: «As minhas contribuições parecem ir a conta gotas, só que não é essa a intenção. Infelizmente a carne é fraca e nem sempre se consegue dedicar mais aos que mais precisam. Junto agora um cheque de 30.000\$, pedindo me ajudem a dar graças a Deus pelo sucesso do meu trabalho». Estes pedaços de vida ajudam-nos a descobrir o sentido mais rico do nosso dia-a-dia. Por este caminho seguem, de mãos dadas, todas as classes sociais. Vai a sr.^a Doutora com vinte mil; o sr. Eng.^o, com cinco — «pequena contribuição para a vossa Obra que tem provado merecer o aplauso, a consideração e o apoio de toda a nossa comunidade». Outro sr. Doutor, com um cheque de 100.000\$, sem quaisquer comentários; um envelope escondido na minha pasta, com 60.000\$, e «não sabia como fazê-lo chegar às vossas mãos, sem que ninguém desse conta. São o produto das minhas poupanças». Meu Deus! Vale a pena estar neste lugar para ver a maravilha do Vosso horizonte de Bondade! A Maria Alice, lá de longe, acompanha-nos e manda 3.744\$.

Vamos deixar passar a paróquia de Silvalde, com o seu

das necessidades do homem; e que outros meios como o ensino, a saúde e habitação sejam proporcionados a todo o ser humano na medida e grau compatíveis com a sua natureza e dignidade.

Caminhando nesta via, e se as estatísticas puderem mostrar que é dos extractos sociais mais baixos que provêm o maior número de casos de deficientes, a sociedade beneficiará e a vida tornar-se-á mais atractiva, alegre e desejada.

Alberto Augusto M. Nunes

pároco à frente, mais a comissão da Festa de N.^a Senhora do Mar que soube equilibrar as contas de modo a não gastar tudo em foguetes e coisas inúteis, de modo a «sobrar algo para os gaiatos». Atitude bonita... diz a carta.

Padre Manuel António

Setúbal

Cont. da 1.^a página

que as personalidades estão bem defendidas.

Dialoguei com a Assistente Social, advogando a causa da viúva e comprometendo-me a pagar, se não houver outra solução, parte de um apartamento que seja sua propriedade. Basta à pobre viúva a deficiência do seu filho. O seu zelo de mãe vale todos os monumentos.

Recebe a pensão de 8.600\$, mais o abono do filho de 2.600\$. Não tem mais nada.

Não me venhas dizer que há muitas Edites — assim se chama a mulher — nesta região. Agora vamos resolver o problema da Edite e depois o das outras Edites. As suas lágrimas clamam Justiça.

Padre Acílio

REFLECTINDO

Continuamos debruçados sobre o trabalho do Doutor Manuel Porto, há três quinzenas aqui apresentado.

Já vimos como a Teoria do Desenvolvimento, que «é hoje um ramo autónomo da ciência económica», põe o acento mais na produção do que na repartição de bens, sem, todavia, diminuir o papel sempre importante que esta tem no processo. É que a possibilidade da repartição dos bens produzidos pelo maior número de pessoas deve contar-se entre os objectivos principais de quem produz. Não se trata de produzir

por produzir, mas de ordenar a produção de bens segundo as necessidades mais urgentes da maioria dos homens.

Num mundo em que dois terços dos que o povoam são carentes de bens essenciais, não deverá ser-se mais austero na produção do supérfluo? Não será justo onerar os consumidores do supérfluo em favor dos carentes do essencial?

Eu sei que o supérfluo é um conceito relativo a um padrão de vida, a um nível cultural. Um livro, uma obra de arte, um espectáculo de qualidade...

têm uma esfera limitada de consumidores. Aí está um estímulo a um esforço de educação que dilate as dimensões dessa esfera. Mas, neste caso, trata-se de valores do espírito humano que são sempre enriquecimento do património da Humanidade. Porém, quantos outros supérfluos rapidamente se esgotam em si mesmos! Eu exemplificaria, talvez sugerido pela publicidade, com os cosméticos, os requintes do paladar, tantas vezes, até, no-

Cont. na 4.^a página

DESPORTO — No passado dia 1 de Novembro, Dia de Todos os Santos, fizemos um jogo de futebol contra alguns antigos gaiatos que tinham superioridade. Com uma equipa mais forte e experiênte, conseguiram ganhar, mas com muito esforço, por 7-4. Nós cá os esperamos no dia 24 de Dezembro. Eles que não pensem que vêm cá fazer o que fizeram desta vez. Nós agora temos outras tácticas!

PEDIDO — A «guerra», tão enraizada em nós, desde muito cedo se revela... Cá em Casa há «guerra» todos os dias por isto ou por aquilo. Agora é a «guerra» da televisão a cores para os mais novos: Não podendo acompanhar os mesmos programas dos mais velhos, acusam-nos de «burgueses» por já terem televisão a cores, no bar. Vejam os nossos leitores como havemos de arranjar uma plataforma de entendimento para termos Paz! Já ficaríamos satisfeitos com o «cessar fogo», se tivéssemos a promessa de mais uma televisão a cores para o Natal.

Ángelo Duarte Félix Ferreira

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

para a opção que tomou de ser sacerdote e de escolher a Obra da Rua como campo do seu exercício. Bem hajam todos aqueles que estiveram na base da nossa presença em Fátima e pelo carinho e amizade demonstrados a título pessoal e pela Obra que, de certo modo, ali representámos.

Mais do que palavras importam as acções; mas se dissermos que nos sentimos como peixes na água, não exageramos. Quem um dia foi vicentino jamais poderá esquecê-lo. Os exemplos recebidos de tantos vicentinos, de ambos os sexos, dos Pobres e dos Amigos da Sociedade, constituíram graças de Deus que jamais poderemos retribuir devidamente. A nossa presença em Fátima foi, pois, essencialmente isto: agradecer ao Senhor aqui-lo que nos deu através da Sociedade de S. Vicente de Paulo e pedir perdão por ter vivido estes anos, e já lá vão mais de 30, um pouco afastados fisicamente, que nunca desligados dos seus problemas e do seu espírito.

A Sociedade vai continuar. Ela é precisa como nunca. A dinâmica da Caridade vai aperfeiçoar-se, procurando fazer o Bem bem feito e testemunhar

directa e ousadamente o Amor. Disse Ozanam que «desejaria abraçar o mundo inteiro numa onda de Caridade». Vamos fazê-lo todos, novos e velhos, que não somos demais. Que outros façam o bem e testemunhem Jesus Cristo é necessário e desejável. A Igreja é um mundo imenso onde há lugar para todas as vocações, por mais específicas que sejam. O que importa é darmos as mãos e trabalharmos no campo que escolhemos ou Deus nos destinou.

Terminamos com duas citações de Pai Américo, a primeira dirigida aos Jovens e a segunda sobre o papel dos visitantes dos Pobres.

Para os Jovens: «Vede, caros Jovens de Portugal, como a vossa presença na vossa aldeia, na vossa vila, na vossa cidade, é um caso urgente que deveis resolver em prol daqueles que precisam de vós». Para os leitores, em geral, e para os vicentinos, em particular: «A missão de visitar o Pobre tem beleza; é filha de uma intuição artística que apaixonou e devora o visitante. Quanto mais repulente for o estado e condição dos visitados, mais se enamora deles. O artista verdadeiro é um crente; ele coloca na base de todas as suas acções a Beleza Incrinda de Deus, sem

o que produzirá fantasia que deslumbra, sim, mas não faz arte que comova. O visitante do Pobre, que também é artista, tem necessariamente de ser um crente. A sua linguagem há-de dizer que ele é da Galileia. A beleza da sua acção é polarizada no seio de Deus. Ele chama a todos irmãos e, porque são da sua carne, tem pena dos mais desamparados. Como a galinha faz aos milhafres, assim ele dá sinal e quer defender os inocentes, debaixo das suas asas. Faz arte que comove, e não obra que deslumbre, o visitante dos Pobres».

Com estas palavras nos despedimos, certos de que correspondem ao sentir de alguém que procurou viver coerentemente a Boa Nova e teve pela vida vicentina elevado apreço. Para todos, sobretudo para os vicentinos de Portugal, nomeadamente os Jovens, abraços fraternos do humilde confrade e amigo

Padre Luiz

P. S. — A Capela continua e já começaram a surgir algumas peças de ouro para os objectos sagrados.



A imagem merece legenda especial: Um gaiato — que foi da Rua — absorbo nas obras da Capela do Tojal!

TRIBUNA DE COIMBRA

● Há contrariedades na vida que nos dão luz mais clara para vermos valores escondidos. A pequena epidemia provocada por intoxicação alimentar, e que atingiu todos os que naquele domingo comemos maionese ao almoço, revelou-nos a riqueza de loutrina familiar que orienta todos os elementos que constituem a grande família da Obra da Rua.

Todos os da família de dentro ficámos doentes e quase todos internados nos hospitais. Eu, embora também atingido, estive ausente os três primeiros dias. Só ao chegar a Casa dei um pouco conta da epidemia.

Comecei a ver a acção e os cuidados dos nossos quatro casais que estão ao serviço desta família. Tomaram sobre si todos os cuidados. Um, dos transportes para os hospitais. Outro, dos tratamentos, com a saca de medicamentos e garrafão de líquidos nos ombros e o termómetro na mão. Mais outro, agarrou-se à cozinha e procurou ser rigoroso no acatamento das ordens vindas dos médicos. As esposas a lavar corpos, roupas, fazer camas de lavado e a pôr colheres de canja em muitas bocas que não se queriam abrir.

Fiquei, também, uns dias de repouso e louvei o Senhor por estes dons familiares que me deu a saborear. Uma semana sem vozes de vidas novas e sem toques de sineta, foi com-

pensada pelo amor de família que acudiu à chamada. Graças a Deus.

● Outra nota cheia foi o acolhimento e carinho nos três hospitais onde fomos tratados: Centro de Saúde de Miranda do Corvo, Hospital Pediátrico e Hospitais da Universidade de Coimbra. Ocupámos todas as camas vazias e estenderam colchões para todos os que apareceram. Ninguém perdeu tempo. Eram «meninos da Casa do Gaiato». Garrafas de soro, brinquedos e tudo o que foi necessário. Teve de ser tudo rápido. Uma vida, por vezes, está presa por um fio.

Houve médicos que levaram para sua casa alguns dos mais pequenos. Os cuidados da primeira noite! Foram tão amados que houve um ou outro que chorou ao sair do hospital. Muitos trouxeram lembranças e outros quantias de dinheiro.

Uma equipa do Centro de Miranda do Corvo acompanhou-nos, em nossa Casa, durante toda a primeira semana. Tomou bem a seu cuidado a nossa saúde. Com todos estes cuidados e este carinho, ao fim de cinco dias estávamos todos em nossa Casa e de saúde restabelecida.

Bendizemos o Senhor Deus e louvamos todos os cuidados humanos que nos rodearam. Bem hajam.

Padre Horácio

Cont. da 3.ª página

civos à saúde, a moda, essa ditadora toda poderosa que, ano após ano, esvazia do seu valor real aquilo que o tem...

Um exemplo: Meses atrás, chamaram-nos de uma «boutique» elegante para nos entregarem peças retiradas do stock. Eram blusões de cabedal e gárdinas, tudo por estrear, cujas etiquetas somavam cerca de seiscentos contos. Parece que devia regressar a casa contente com tão valiosa oferta; mas não, vinha sobrecarregado. Quaisquer pormenores das confecções que a moda tinha declarado obsoletos (para daqui a uns tempos, porque a imaginação criativa não é infinita, os ressuscitar como último grito) arrumavam-nas para o canto das inutilidades que é preciso despejar. Peças novas, de tão boa ou melhor qualidade do que as que, naquele dia, eram exibidas na montra!

Formas de comportamento que significam e crescem o desvio dos critérios humanos de valorização, do real para o artificial; que vão insensibilizando o Homem para os valores absolutos enquanto se permite a entronização dos relativos. É uma poluição que nos envolve — e não das menos nocivas! — esta que causa e difunde a «sociedade de consumo».

E seguia, pensando: Para que uma tal anulação do valor comercial seja um processo cor-

rente e não represente um prejuízo grave, como tem de ser vantajada até ao irrazoável a margem de lucro sobre o valor real do produto quando este é lançado e enquanto se vende!

Neste caso, de agasalhos, nem se trata de um autêntico supérfluo. Mas a verdade é que o condicionalismo em que eles são postos ao alcance dos homens é discriminatório, pois reduz notavelmente a amplitude dos que lhe podem ter acesso.

Ora eu julgo que a acessibilidade, o mais universal possível, dos bens produzidos, deve ser, pelo menos, uma intenção profunda e sincera de quem produz. Por isso, os altos responsáveis da coisa pública e os agentes económicos haviam de ter em mente e na consciência uma mais recta ordenação dos bens a produzir. «O que está em causa, com a maior gravidade — permitam-me que repita a citação — é a suficiência absoluta de recursos num mundo já com quase cinco mil milhões de pessoas, que

terá a sua população duplicada dentro de três ou quatro dezenas de anos.» Eis «um problema de carência absoluta, a que não pode deixar de ser dedicada uma atenção primordial» e nos responsabiliza pelo máximo aproveitamento desses recursos, sem cabimento para o desperdício.

Por isso um plano de desenvolvimento tem de ser selectivo: «Tanto as circunstâncias dos próprios países (menos desenvolvidos) como os contextos internacionais em que estão inseridos, obrigam a uma análise própria, conduzindo, naturalmente, à definição de políticas específicas de desenvolvimento».

Em princípio, pois, muito nos alegra a notícia de mais um projecto de produção em marcha. Alegria dobrada se se trata de bens reproduzíveis, cuja eficácia se não fina no seu consumo, antes são estímulo e instrumento para mais trabalho, para uma maior valorização do Homem.

Padre Carlos

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Panafiel-Tel. (055) 352285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Panafiel.